

RADAR ESPECIAL

Revolução verde = desertos verdes

Aplausos, contestações, discordâncias e muitos argumentos marcaram o 1º Seminário Estadual “Rumos na luta contra o deserto verde – Esta terra tem dono” realizado pela Seção Sindical dos Docentes da UFSM (SEDUFMS), em conjunto com a Regional RS do ANDES-SN (seções sindicais de Pelotas e Rio Grande), DCE e Associação Brasileira de Estudantes de Engenharia Florestal (ABEEF). O auditório Sérgio Pires, campus da UFSM, lotou de estudantes, professores, entidades ambientais, sindicalistas e movimentos sociais para ouvir os palestrantes, entre os quais, o agrônomo Sebastião Pinheiro, da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN). Após a fala dele, quase um minuto de aplausos foi a resposta da plenária. O alerta do ecologista foi para a intenção dos grandes pólos internacionais em produzirem etanol à base de eucalipto. Para Sebastião Pinheiro, o petróleo está “condenado” e agora se busca o recurso da biomassa para a produção de líquidos.

Sebastião Pinheiro citou como exemplo a 'Standard Oil Company' - o maior truste petrolífero dos Estados Unidos. “Essa briga é lá em cima, mas é de todos nós”, disse. Para ele, o Brasil está sendo usado para uma produção em larga escala, que atenda aos interesses dos grandes barões imperialistas. “Estamos fazendo a terceira Revolução Verde, sem saber”, afirmou. “Isso é diabólico, terrível!”, dramatizou. O agrônomo lançou para o debate: “vamos ver se a polêmica vai ser o eucalipto engolidor de água ou o geneticamente modificado”.

O MST também participou do debate através de Luiz Pedrosa. Ele falou da “grande peleia” travada entre os exploradores e os camponeses. Segundo ele, o governo quer impor um estilo de consumo e de comportamento aos agricultores. Para Pedrosa, o capitalismo chegou a todos os cantos do planeta, com o Grupo dos 7 (G7).



Pinheiro: plantar eucalipto atende a barões imperialistas

Para ele, esse grupo força uma globalização neoliberal desregulada e acaba “repartindo o bolo do lucro sobre a exploração”. De acordo com Pedrosa, os organizadores resolveram explorar o Brasil pelos eucaliptos.

O mau planejamento

“A besta do apocalipto” é a definição trazida por Patricia Binkowski, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que falou das conseqüências da monocultura do eucalipto no contexto social. A definição apresentada surgiu em Caravelas, na Bahia, quando foram ocupadas 83% de terras agricultáveis para a produção de eucalipto, gerando diversos problemas sociais, econômicos e ambientais na localidade. Patricia abordou a fragilização do espaço rural, o que provoca a migração do agricultor familiar. Além de problemas estruturais como o desemprego e a pobreza.

Patricia também reproduziu as estratégias de marketing, existentes em Porto Alegre, sobre a Aracruz Celulose – que é responsável por 27% da oferta global e possui plantações nos estados do Espírito Santo, Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Esse tipo de situação pode ocorrer se não houver o zoneamento ambiental, que foi o tema da explanação do representante da Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam), Paulo Duarte. De acordo com ele, o planejamento é o fator fundamental para a manutenção da paisagem natural e as práticas de manejo. Paulo falou da prática da silvicultura - criação e desenvolvimento de povoamentos florestais, satisfazendo as necessidades de mercado -, que foi incluída em 2004. Segundo ele, tudo deve ser criteriosamente analisado para o bom desenvolvimento ambiental, econômico e social da população de determinada localidade.



Palestrantes acusaram Brasil de se preocupar mais com exportação

Universidade das empresas?

O interesse das empresas de celulose nas universidades foi apresentado por Luiz Rampazzo, do Centro de Estudos Ambientais (CEA), com o trabalho intitulado: *Desertos verdes e pólos de celulose na Metade Sul*. Rampazzo afirmou que as empresas vão dentro de uma universidade do Sul do estado, buscar cientistas para desenvolverem estudos. “Chega a ser promíscuo”, acusou ele. Para o técnico, a monocultura não tem diversidade e não é florestamento, muito menos reflorestamento. “Isso tudo é uma indução ao erro”, alertou. Rampazzo afirma que o desenvolvimento sustentável só será possível com uma ecologia equilibrada, socialmente justa e economicamente viável.

A universidade no centro da polêmica também foi analisada pelo professor de Botânica da UFRGS, Paulo Brack, na abertura do seminário sobre os “desertos verdes”. O discurso foi bastante duro. Segundo ele, uma parcela importante das instituições está a reboque de um modelo de pensamento que privilegia o desenvolvimento de tecnologia para a exportação, desconsiderando a dependência e a destruição do meio ambiente.

Monocultura destrutiva

O professor da UFRGS, Paulo Brack, criticou a disseminação da monocultura, que antes se restringia à soja, e agora se estende para o eucalipto. O docente fez um alerta em sua explanação: “estamos perdendo 150 mil hectares de terras ao ano do *bioma pampa* (*) para as monoculturas”. Ele ressaltou que na região dos Campos de Cima da Serra (RS) a mata nativa está desaparecendo, dando lugar às florestas de pinus. O professor participou da mesa “Histórico ambiental e econômico da região afetada pelos projetos de silvicultura”, juntamente com Leonardo Melgarejo, do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Martin Zamora (mestrando em Economia pela UFRGS) e Paulo Zarth (professor de História da Unijuí), na manhã do primeiro dia do seminário estadual sobre “desertos verdes”. O evento, que teve o auditório lotado, foi transmitido pela internet através do endereço www.multiweb.ufsm.br/web/cpdeventos, graças ao trabalho do CPD da UFSM.

O técnico do Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) no Rio Grande do Sul, Leonardo Melgarejo, do Incra, argumentou em sua exposição que o eucalipto é um tipo de espécie vegetal com ciclo bastante curto, justamente por ser produzida para a exportação, chocando-se com uma visão mais ampla de desenvolvimento, ou seja, que incluía as comunidades e não que as exclua desse processo. Melgarejo também ressaltou que existe uma relação íntima entre latifúndio e monoculturas. Entretanto, a visão defendida por ele é que deveria ser incentivada a policultura, com prioridade ao mercado interno. Ele também critica a pressão que as grandes empresas fazem para tentar expandir-se a qualquer custo, citando especificamente os casos da Aracruz Celulose e a multinacional Stora Enso. Em nosso estado, conforme o funcionário do Incra, o Ministério Público já foi acionado para verificar a compra irregular de áreas para plantio de eucaliptos por parte de uma dessas empresas.

Exportação

Martin Zamora, mestrando em Economia pela UFRGS, que também já atuou num grupo de assessoria ao Movimento de Mulheres Camponesas, fez uma abordagem buscando aspectos históricos que demonstrariam que a lógica de desenvolvimento do Brasil sempre foi pensada na ótica da exportação, e, portanto, da dependência externa. Os ciclos da cana-de-açúcar, do café, mostraram o quanto o ambiente e as pessoas podem ser exploradas para produzir o “desenvolvimento”. Zamora busca seus argumentos em autores clássicos do pensamento econômico do país, como é o caso do já falecido Celso Furtado. Já o professor Paulo Zarth, do curso de História da Unijuí, durante a sua explanação, fez uma relação entre desertos e latifúndios, segundo ele, fato histórico na Metade Sul do Rio Grande do Sul.

(*)**Bioma**- conceitua-se bioma como sendo uma comunidade biológica, ou seja, fauna e flora, interadas entre si, junto ao ambiente físico.

Fotos: ADRIANA GARCIA